

# Jayme Batalha Reis



Offerecemos aos leitores dos *Pontos nos i i*, o retrato de Jayme Batalha Reis, consul de Portugal em New-Castle-on-Tyne.

E' o retrato d'um dos maiores defensores dos nossos direitos e dos nossos dominios em Africa. Nomeado consul em Inglaterra, Jayme Batalha Reis acaba de nos provar que o consulado não foi para elle uma aposentação, um premio ao seu bom concurso no ministerio dos negocios estrangeiros. Pelo contrario: Batalha Reis empregou durante 3 annos todos os momentos livres em estudar as questões africanas.

Enterrou-se no *British Museum*, em Londres, e ahi foi descobrir os mais eloquentes e indiscuti-veis argumentos ácerca dos nossos direitos em Africa. Armado com todos esses elementos historicos e geographicos, arrancados ás bibliothecas inglezas, Batalha Reis veiu para a imprensa londrina fazer a mais brilhante propaganda em favor de Portugal.

Mereceu a resposta de Cameron e d'outros africanistas inglezes. E hoje a sua auctoridade é tamanha não só em Inglaterra, mas em toda a Europa, nos centros onde se falla em Africa — que o governo portuguez confiou-lhe a delicada missão de defender os nossos interesses no congresso anti-esclavagista de Bruxellas.

E' o retrato d'um grande patriota, que tem sabido como poucos defender a honra de Portugal, vilmente ultrajada pela Inglaterra.

## Cobardes!

Os apparatus bellicos de hontem, defraudam a *corbelle* das nossas esperanças, em mais uma illusão tridente e patriótica. Todos pensavamos que o povo houvesse comprehendido a serio a obra da regeneração nacional. Todos cuidámos que o golpe de audacia d'alguns homens decididos, levaria empôz de si as populações dos clubs, do pequeno commercio e das officinas, e que esses bravos rapazes que teem esgotado os pulmões em vivas e mortas, quando hontem vieram para a rua, estivessem decididos a não imolar as regalias publicas, e ao terror ephemero e cobarde de meia duzia de bayonetas e meia duzia de tiros de polvora secca. Tinha-se convocado uma reunião popular no Colyseu, para accordar nos meios de se agradecer á imprensa hespanhola e franceza os alentos fraternos que nos dera, na dolorosissima hora em que Portugal suava o suor de sangue que teve Jesus no Golgotha, ao despedaçar-se o veu do templo.

A auctoridade superior concedera auctorisação. Estavam feitos os convites: e eis que chegada a hora do comicio, corre a noticia de que o governador civil havia mandado fechar o Colyseu, trancando as portas com um barrote de setenta e quatro guardas municipaes, e obrigando o povo a dispersar-se, á força de coronhadas e repoupos de cavallos. Vimos esse povo voltar, rua Nova da Palma abaixo, apathico e moído, cheio de prudencia e de medo, e com um amor á vida e ás comodidades, que nenhuma illusão nos deixa mais acerca do futuro d'infamia e de lodo em que o temos de vêr acabar d'estiolar-se. Em tórno de Manuel d'Arriaga e de Jacinto Nunes, que desciam de sustilhada com alguns restos de povo entusiasta, soltando vivas, agitando no ar bengalas e chapéus, ainda se fez no Rocio um instante do tumulto, um inicio de reacção: e viram-se correr de novo os clubs dispersados, agregar-se de roda de Manuel d'Arriaga um rudilhão de decididos, dois, tres mil, todos vehementes, vigorosos, cheios de saude e força physica—QUE TRINTA POLICIAS DE CHANFALHO EMBAINHADO, DISPERSARAM N'UM ABRIR E FECHAR D'OLHOS, SEM OUTRA REACÇÃO MAIS DO QUE A FUGA DE TODOS ESSES COBARDES QUE MOMENTOS ANTES BRAMARAM CONTRA O MINISTERIO E CONTRA O REI!

×

Restava a noite, a noite vingadora, cuja sombra protege os fracos contra os fortes, apaga as saliencias dos revolvers no bolso dos populares espesinhados, disfarça os boxs nas mãos viris que se levantam para esfacelar os craneos dos policias, e em cuja luctuosa grandeza a anarchia desenrola o seu estandarte, protector das revoltas, esphacelador dos thronos, restaurador da virilidade e da altivez dos povos — a noite anonyma, que transforma em tigres e chacões os anodynos populares, e enche de balas o ar, e as calçadas de sangue, sem grandemente averiguar d'onde partiu o primeiro grito da matança.

Em todos os jornaes estava dito que os socios do club Henriques Nogueira iriam ás 8 horas da noite, acompanhados por todos os patriotas que quizessem segui-los, sem distincções de grupo ou côr politica, depôr uma corôa de flores no pedestal da estatua de Camões, visto como se ultimára um mez, depois da affronta de lord Salisbury.

A's sete horas era já nas ruas uma multidão enorme e curiosa, de grupos embuçados, typos pachidermicos, lentos e somnambulos, que iam e vinham, trocando poucas palavras, parando ás esquinas das ruas, e como accordando entre si mysteriosos pactos, e palavras de ronda conspirante. Pelas ladeiras que levam á praça de Camões, esses grupos eram ainda mais fervilhantes, mais numerosos, mais sombrios: e bem depressa o Chiado, o Loreto, S. Roque, e as Chagas tinham começado a apinhar-se de sombras negras, caladas, avidas, evidentemente aguardando o quer que fosse. No recinto da praça onde campeia a estatua, não havia porém um unico vulto, a não ser o do bronze, com o tapa-olhos de crepe amarrando ao pedestal as cabeças dos navegadores e chronistas. Um cordão de municipaes munidos cada um de sessenta cartuchos, e com as bayonetas cravadas nos caños das espingardas, protegia o cantor das glorias nacionaes, das raivas da canalha que premeditára infamar-lhe a memoria com flores, e descia á audacia de vir provocar o povo a uma batalha de ruas, pelo simples pretexto d'essa corôa civica, atirada como *forget me not* da injuria britannica, aos pés do monumento representativo e condensador das passadas glorias, e das futuras aspirações da alma nacional.

×

Oito horas dadas, quando a multidão era na praça, mais espessa, cada janizaro da policia (dos innumerados que se distribuam por entre os espectadores) saccou do bolso um apito, e toca a apitar aos quatro ventos, como n'um incendio monstro e subitaneo. Tanto bastou para que em dez minutos, todos os conspiradores desertassem dos seus postos, todos os exaltados se sumissem, todos os patriotas fossem para suas casas mudar de roupa, e ninguem ficasse, ninguem! prompto a romper o cordão dos brutamontes da guarda, e a levar ao cabo, individualmente, a manifestação que cem policias e trinta municipaes prohibiram á massa inerte de seis ou sete mil pessoas.

Eis ahi o que cincoenta annos de paz fizeram d'um povo forte; o que cincoenta annos de governos infames e d'educações deprimentes fizeram d'uma raça acostumada a não tolerar injurias nem mordanças — e eis ahi tambem o apregoado rejuvenescimento da população portugueza, da mocidade das escolas, do entusiasmo dos caffès e dos centros de democracia e propaganda, que só esgotaram em berros e discursos, a energia que hontem deviam ter gasto a impedir a violação das liberdades publicas, arrombando á força as portas do Colyseu, celebrando o comicio á custa de vidas e de luctas, e emfim levando

à noite a corôa de flores ao seu destino, custasse o que custasse, muito embora tivessem d'escorchar nas ruas os miseráveis que lhe calaram ao peito a ponta das bayonetas!

E acreditem depois n'estes transfiguradores da pátria lusitana, e tenham ainda confiança nas perorações d'estes Enjorlas platonicos da Polytechnica e da Eschola Medica, dos clubs republicanos e das officinas, que levam ao longe a atoarda das suas insurreições, para no dia seguinte renegarem do seu apregoado credo democratico, fugindo como gaiatos dos apitos da policia, e obedecendo como poltrões aos ukases absurdos do governador civil! Quando se pensa que ha em Lisboa para mais talvez de cem mil republicanos, secundados n'este momento d'angustia por mais de duzentos mil patriotas descontentes das coisas publicas, e que toda esta gente cedeu hontem perante as ameaças de duzentos ou trescentos guardas, mal armados, mal dirigidos, antipathicos, grosseiros, e vacilantes, perde-se de todo a esperança de vêr chegar o paiz a uma via de restauração politica e social, e não ha coragem que resista, nem amor patrio que se não envergonhe de bater por uma tal borracheira de paiz.

Quem ha-de sacrificar-se por isto? Quem ha-de gastar trabalho e saude em propagandas d'annos e annos, para no fim chegar a tão grotescos resultados?

Não, isto não é povo, é lama plastica.  
Isto não é amor da patria, é balela ridicula.

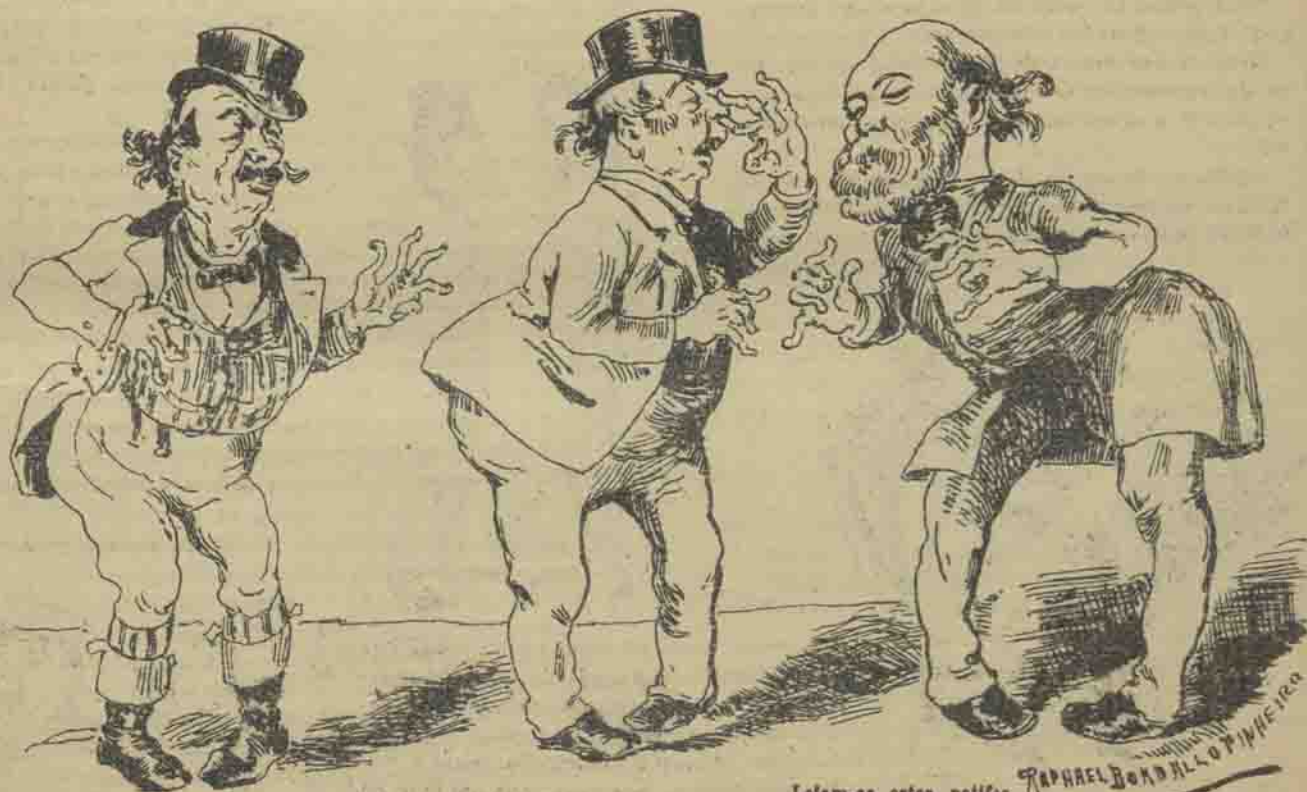
Imaginam que passar um trapo de chita á roda d'uma estatua, é affirmar solememente um espirito de solidariedade, vencer uma batalha de novo contra velho, decretar uma nova era.—Grotescos que só fazem vida civica até onde os alguasis lhes não pizam os calos!—Fantoches, que ainda hontem torçavam da tibiez dos ministros, para já hoje desatarem a fugir dos seus primeiros estardalhaços!

D'aqui por deante, ó cagarollas! quando nos vossos clubse assembléas vos repetirem os velhos discursos sobre a queda dos tyrannos e a venalidade dos regimens dynasticos, e vos incitarem a vir para a rua soltar morras, retroqui-lhes que o sangue do velho Portugal não corre mais em vós, e que se algum ingenuo poudes, n'uma hora d'extasi patriotico, pensar que nasceria das vossas balelas alguma coisa de novo e de profiquo, esse ingenuo illudiu-se, e está prestes a renegar os seus enthusiasmos, reconhecendo os cobardes que vós sois.

IRKAN.



## Errata aos prazeres de Cleveland Street



Onde se lê este senhor....

Leiam-se estes patifes

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

# A CAMPANIA DO APITO



Estamos em estado de sitio. Cada bocca que possa proferir uma critica severa aos actos dos governantes tem hoje a mordaca de mil municipaes de chanfalho em punho.

Cada penna que censura, cada lapis que critique, estão hoje algemados pela policia.

Ninguém tem mais o direito de fallar, de escrever ou de caricaturar. Governo autocratico disfarçado em licores e aguas mornas d'uma carta constitucional.

Abobora! Antes D. Miguel! Ao menos não ha disfarces de liberalismo para acobertar o mais ensufrido despotismo ministerial.



O governo acaba de tomar uma resolução que nos somos os primeiros a applaudir, para lhe provar que nem sempre nos oppomos ás suas medidas.

Vão ser presos todos os camoneanos portuguezes, taes como Manuel d'Assumpção, Mendes Monteiro e Manuel Gomes, por possuirem um livro onde se diz mal dos inglezes! Esse livro é os *Luíadas*...



Camões está destinado a todas as ingratidões e a todos os aviltamentos.

No seculo xvi os portuguezes, isto é, os portugueses, deixavam morrer á fome quem havia contribuido para a historia do nosso Genio, da nossa Coragem e da nossa Honra.

No seculo xix, os portuguezes, os lisboetas, que diziam ter o sentimento e a comprehensão, deixaram morrer á fome quem havia contribuido para a historia do nosso Genio, da nossa Coragem e da nossa Honra.

Pois srs. portuguezes de 1890: permittam-me digamos que os senhores nunca leram os *Luíadas*, nem sabem quem é Camões — que escreveu um poema para cantar apenas o Valor, a Coragem e a Audacia.

Ou já se perdeu entre nós a noção exacta destas palavras?

Então queimem-se os *Luíadas*!



VARIAÇÕES DE ROUXINOL PELA GUARDA MUNICIPAL



Só nos falta ver a estatua apeada como symbolo de insurreição, e o ministerio levar Camões para o governo civil, como fez ao dr. Manuel de Arriaga.

Ande lá p'ra diante! São ordens!...



No dia 11 de janeiro: — Attitude patriotica e assaz chinfrial do bando regenerador, no dia em que em Lisboa houve conhecimento do ultimatum de lord Salisbury.

No dia 11 de fevereiro: — Attitude marcial, pimpona e assaz tyranna (oh rosa tyranna!) do bando regenerador, no dia em que saboreia as delicias do poder.

Ora bolas!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## Xacara do rei Caipora



Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora,  
Tu tens caveira de burro!

Deus Cupido, o demonico,  
Casou-te um dia, de borco;  
E o teu sogro era tão rico  
Talqualmente como um porco!



Mas—oh! falta de mascote,  
Que em todas as coisas tens!—  
Não trouxe a noiva de dote  
Nem ao menos uns vintens!

Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora  
Tu tens caveira de burro!

Acclamou-te um dia rei  
Toda a tua comitiva,  
Mas o povinho, ao que eu sei,  
Não te ergueu sequer um viva!



«Rei Ramiro, rei Ramiro,  
Rei de muito mau pezar,  
Ruins fadas te fadaram  
Má sins te foram dar.»

ALMEIDA GARRETT.

E o mar, révoltado, em messes,  
Não deu de peixe uma posta,  
P'ra que tu, rei, não tivesses  
Nem mesmo «vivas da costa!»

Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora  
Tu tens caveira de burro!

Por ser acclamado, em braza,  
Tanto em pressas te desunhas,  
Que te esquece o sceptro em casa  
E vaes sem sceptro nas unhas!



Caipora em quanto te mettes,  
Indo o *Te-Deum* escutar,  
A c'rôa, perliquitetes,  
Poz-se de perdas p'ra o ar!



Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora  
Tu tens caveira de burro!

Até na Avenida, até  
Quando houve a parada chôcha,  
A esposa torceu-te um pé,  
Foi p'ra casa toda coxa!

Em tudo sempre Caipora,  
Em tudo sempre infeliz,  
Chega-te um tio lá de fóra,  
Posto fóra dos Brasis!



Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora,  
Tu tens caveira de burro!

A tua tia, inda tesa,  
Morre, alguns dias passados,  
Obrigando-te a despesa  
De luto — e gatos pingados!

E logo atraz — salvo seja! —  
Forte sinã, ou bruxaria,  
Dá-te cabo, malfaseja,  
Do canastro d'outra tia!

Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora,  
Tu tens caveira de burro!

Teu tio em seguida espicha,  
Morre-te o avô da mulher,  
— Os mortos, formando em bicha,  
Vão de Liboa a Alemquer!

Não sei que tristes engodos  
Tu tens p'ra a morte em questão!  
Morrem todos, todos, todos,  
Morrem todos quantos 'stão!



Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora,  
Tu tens caveira de burro!



P'ra que o mau fado te pese  
A perturbar o teu somno,  
Tens um primo Affonso 13  
São 13 os degraus do throno!!



Caipora como ninguem  
Tendo um fado de desgraça,  
E's numero 13 tambem  
Entre os reis da tua raça!!!



Rei Caipora, rei caipora,  
De olhar pesado e casmurro,  
Negro fado te devora,  
Tu tens caveira de burro!

Nem mesmo o rei da Mascotte  
Cujo fado era tão cru,  
Teve um fado de tal lote,  
Foi caipora como tu!

Afugenta o negro espectro  
D'esse fado feiticeiro,  
Adoptando, em vez de scepto,  
Uma figa... de carneiro!



Rei Caipora, rei Caipora,  
De olhar pesado e casmurro  
Negro fado te devora,  
Tu tens caveira de burro!

João Tarasulo

# A grr... ande manifestação O QUE FAZ ZÉ POVINHO

### MOTE

Amanhã é domingo,  
Toca o sino.  
O sino é de oiro,  
Mata o toiro.  
O toiro é bravo,  
Mata o fidalgo.  
O fidalgo é valente,  
Mata a gente.  
A gente é fraquinha,  
Mata uma gallinha,  
Cá p'ra nossa barriguinha!

(CANTIGA ANTIGA.)

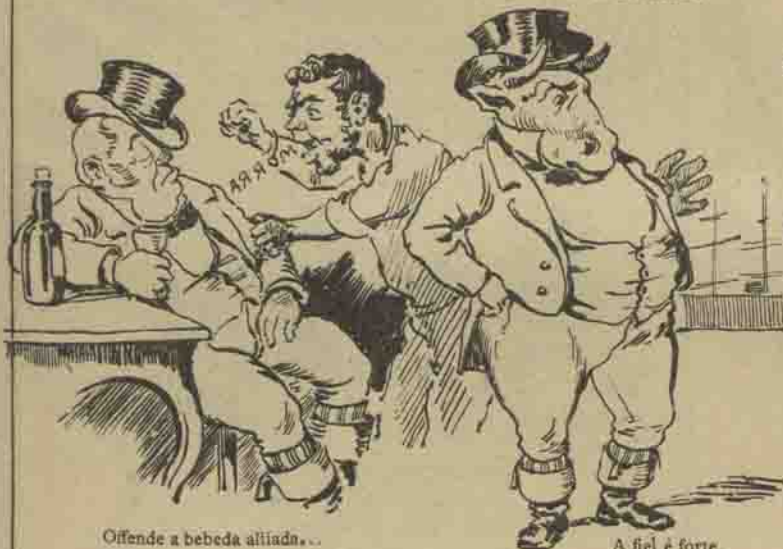


GLOSA

Amanhã é 11 de Fevereiro.

Vamo-nos manifestar!

O manifesto é patriótico.



Offende a bebida aliada...

A fiel é forte.



Manda no governo.

O governo é valente,



Prende a gente.



Ora a gente é fraquinha,



Mata uma gallinha,



Cá p'ra a nossa barriguinha.

M. Augusto Bordalo Pinheiro